

OSÉAS DE CARVALHO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 23/10/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

O meu nome é Oséas Martinho de Carvalho. Eu tirei o Martinho do nome para virar um nome jornalístico, virou Oséas de Carvalho, foi como eu comecei e ainda assino até hoje. Nasci em cinco de novembro de 1939, já estou perto da morte [risos], e nasci em Minas Gerais numa cidade que não tem muita coisa a ver com intelectualidade ou inteligência: uma cidade de minério, chamada João Monlevade, é uma das maiores produtoras de aço do Brasil e que tem uma população quase que formada só por operários da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. É a base da economia dessa região. Monlevade passou a liderar uma região de Minas que era de tendências agrícolas, porque a Belgo Mineira chegou muito forte, com um capital muito grande e explora minério em Minas.

Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?

Meu pai era um comerciante, ele tinha um pequeno comércio atacadista, era uma loja que vendia arroz, feijão, para o comércio. Comércio atacadista vende para o comércio, e ele vivia disso, mas o sonho dele sempre foi que eu fosse jornalista. Não sei por que, ele nunca me explicou. Mas ele tinha um entusiasmo tão grande, que logo no início da minha vida profissional, quando houve o Golpe Militar de 1964, muita gente andou foragida e eu fui um dos que me refugiei na fazenda de um amigo lá em Minas. Depois tive que voltar a trabalhar e tive que montar uma revista, que na época era o seguinte: ou montava uma revista de futebol ou ia preso [risos]. Então, eu optei por montar uma revista de futebol. E ele, que era um cara pobre, deu uma parte do dinheiro para fazer o primeiro número. E conseguimos fazer, duraram uns cinco anos mais ou menos, em Belo Horizonte, onde as publicações duram muito pouco, fecham rapidamente.

Mas como era o nome do seu pai?

Oséas da Cunha Carvalho.

E a sua mãe?

Geralda Teles de Carvalho.

E o que ela fazia?

Ela era funcionária do, naquela época era DCT, Departamento de Correios e Telégrafos. E ela era gerente de encomendas do Correios. Eu não sei se ainda existe esse departamento nos Correios. Ela entregava as encomendas.

Quando que você entrou para o jornalismo?

Essa paixão minha quando eu era garoto, muita gente hoje ainda lembra disso, que eu... Pode parar um pouquinho? Me emocionei.

Isso foi lá em Monlevade ainda, o que você está lembrando?

É. Na minha casa, desde criança. Meu pai e minha mãe sempre compraram todos os jornais de Minas, que era *O Diário*, mas era conhecido como *O Diário Católico*, porque era um jornal da igreja. Era a *Folha de Minas*, *O Estado de Minas*, depois *O Diário de Minas* e depois veio *O Correio de Minas*. A gente estava com o jornal disponível, aí eu lia os jornais. Eu gostava tanto que eu cortava os nomes dos jogadores dos jornais e aí colava no botão para poder jogar. Eu gostava muito quando vinha o nome dos jogadores escrito na vertical, porque facilitava para cortar. Quando vinha um atrás do outro, dificultava. Então, o jornal, além de outras atividades servia também para isso. Eu fazia um jornalzinho, por exemplo, dos jogos de botão, que se jogava (a gente disputava campeonato) e, quando tinha um jogo mais importante, eu fazia um jornalzinho com a matéria do jogo e me utilizava muito do jornal, pegava uma matéria já publicada do Atlético Mineiro, por exemplo, e com parte da matéria, fazia o jornalzinho. O jornalzinho uma parte era escrita à mão e a outra o recorte do jornal. De modo que eu acho que nessa época eu já fazia jornalismo, seja lá cortando e fazendo isso ou dando e prestando essas informações e organizando os torneios de futebol de botão.

Depois, então, você vai para Belo Horizonte e aí que você entra para o [jornal] *Binômio*. Como é acontece isso?

Aí, eu vou para Belo Horizonte e eu passei a "cheirar" redação. Eu me sentia feliz de ficar numa redação de jornal. Na época, o pessoal não gostava muito, porque chamava: "Ih, já vem esse cricri aí." Cricri hoje já não é usado mais, mas antigamente era sinônimo de chato. Eu era um desses chatos, porque além de eu me interessar muito pelo jornal, pelo jornalismo, eu ficava perguntando para as

peessoas que estavam trabalhando como é que fazia. Eu fazia isso, por exemplo, na *Folha de S. Paulo*, na *Folha de Minas*... A *Folha de Minas* não era profissional. Uns caras recebiam, outros eram funcionários da Imprensa Oficial de Minas Gerais que trabalhavam lá. Na época, inclusive, trabalhava lá gente famosa, feito Sebastião Nery. Sebastião Nery trabalhou lá na *Folha de Minas* e eu tive a honra de ter iniciado lá com ele, não que ele esteja muito mais velho que eu, talvez eu seja mais atrasado do que ele, mas a inteligência brilhante do Nery talvez tenha me ajudado a ser um profissional melhor e a outras pessoas lá. Aí eu era o cricri de redação, vivia cheirando redação.

Quantos anos você tinha?

Eu devia ter uns 17 anos, por aí. Depois eu tive que parar para servir ao Exército. Evidentemente que o meu sonho era sair do Exército e voltar. Eu cheguei a tal ponto que eu não agüentava mais o Exército. Quando faltavam uns três meses mais ou menos, eu jogava futebol e eu tomei um pontapé que quase me deixa aleijado e eu tentei sair do Exército em conseqüência desse pontapé, porque foi num jogo dentro do quartel. Aí eu não consegui sair e eu fui conversar com o capitão comandante da minha Companhia e esse capitão perguntou para mim: "Por que você não gosta do Exército?" Nessa época ainda não tinha tido a revolução, o Golpe Militar de 1964, isso foi em torno de 1958. Eu falei para ele que eu não gostava do verde, que a única coisa que eu podia responder era isso, porque eu tinha medo de falar para o capitão que eu não gostava do Exército, aí ele falou: "Com o verde todo mundo se acostuma." E aí eu falei com ele: "O senhor quer saber, capitão? Eu sou comunista." Aí ele falou: "Mas não tem comunista aqui dentro, você pode ficar tranqüilo que você não vai ser preso porque é comunista, porque aqui não existe comunismo." Aí eu achei aquilo engraçado. Acabei saindo dois meses antes da data da minha baixa, que é o encerramento do Exército. Saí e voltei para a redação correndo.

Como você entrou para o *Binômio*?

Eu entrei para o *Binômio* a convite do José Maria Rabelo. O José Maria Rabelo é um dono de jornal que é jornalista e ele vibra com o jornalismo até hoje. Ele pode ser meu pai (não mostra essa gravação para ele não senão ele vai...) [risos]. Ele é uma figura extraordinária, sempre gostou de jornalismo. Nem existia nem gráfica ainda, e ele chamava as pessoas para trabalhar no *Binômio*. O *Binômio* era um jornal que ele e o Euro Arantes fizeram em Belo Horizonte, que acabou virando um sucesso nacional. O *Binômio* fez sucesso no Brasil inteiro a tal ponto que um dos acontecimentos que eu fiquei mais orgulhoso foi quando eu cheguei a Manaus e eu

estava descendo a rua Eduardo Ribeiro - eu nunca mais me esqueço disso - rua Eduardo Ribeiro e encontrei um camarada que eu nunca tinha visto na minha vida e ele foi, virou para mim e falou: "Você é o Oséas do *Binômio*?" "Mas como é que você conhece o *Binômio*?" Aí ele falou: "Eu quero te levar na minha casa que eu vou te mostrar a coleção que eu tenho do *Binômio*. Todo *Binômio* que chegava aqui eu comprava." Naquela época, a dificuldade de fazer chegar jornal em Manaus era muito grande, porque não tinha vôos regulares para lá e aí tinha que ir de navio. E o cara tinha realmente, eu fui à casa dele, ele chamava Davi, não sei se está vivo, fiquei amigo dele depois. Ele tinha vários exemplares do *Binômio* lá. Aí, o José Maria Rabelo me chamou (além de ser um grande jornalista, ele era um grande capataz, só faltava dar chicotada na gente. O que valeu, porque corrigir aquele pessoal que trabalhava lá não era fácil; controlar aquele pessoal; controlar, corrigir). E ele evitava o controle, porque o José Maria era o anti-censura, ele ainda é hoje o anti-censura, mas... E aí acabamos fazendo uma turma muito grande e a gente trabalhava nos jornais que davam mais liberdade, que eram *Binômio* e *Última Hora*. O pessoal do *Binômio* ia para a *Última Hora* e o pessoal da *Última Hora* ia muito para o *Binômio* também. De modo que foi uma marca de liberdade muito grande em Minas. O *Binômio* foi quebrado, acho que em 1957, 1956. Foi empastelado pelo Exército muito antes do Golpe Militar e isso ficou marcado como jornal de liberdade. Não a liberdade que é dada só para o leitor não, a liberdade do *O Globo*, por exemplo: você sabe que aquilo ali é feito só para poder agradar ao leitor. Na época, era liberdade mesmo, você chegava e tinha direito de escrever lá no jornal e saía publicado, o pior é isso.

Conta por que o *Binômio* fez tanto sucesso.

Talvez pela linguagem. José Maria e Euro eram caras engraçados, todos dois. O José Maria implantou uma nova linguagem no jornalismo brasileiro. No mineiro primeiro, mas depois acabou sendo no Brasil. O José Maria Rabelo acabou implantando essa linguagem nova e eu acho que o sucesso do *Binômio* foi isso. Havia insinuações maliciosas, uma das manchetes que fez grande sucesso no *Binômio* foi: "Juscelino põe Rolla na praça Raul Soares." O jornal era contra o Juscelino, eu não gosto nem de contar essa história porque eu sou obrigado a dizer que o jornal era contra o Juscelino, e o Juscelino foi um democrata que a gente preza tanto. (Quando o *Binômio* publicou essa matéria, o órgão sexual masculino chamava "rola", então muita gente não entende porque essa graça toda). O Joaquim Rolla era um empresário amigo do Juscelino, o Juscelino doou para ele um terreno na Praça Raul Soares, onde ele construiu um Conjunto JK, o que hoje ainda tem lá. Construiu um monstrengo de um quarto e dois quartos. Parece que tem

quatro mil habitantes que moram nesse monstrego. Aí o *Binômio* que fez a denúncia da doação e colocou dessa forma: "Juscelino põe Rolla na Praça Soares." Como era um jornal semanário, tinha que guardar sempre uma coisa. O factual não vende num semanário, então, usava a linguagem para poder vender, e essa linguagem fez, eu acho, eu reputo que o sucesso do *Binômio* foi a linguagem. Depois veio *O Pasquim* e o sucesso do *O Pasquim* também foi a linguagem.

Mas, o *Binômio* tinha já essa irreverência antes do *O Pasquim*.

Há muitos anos.

Como o Juscelino recebia uma manchete dessas?

O Juscelino achava muita graça, inclusive ele mandava buscar o jornal sempre. O jornal saía na segunda-feira e ele ficava feito doido para ler o jornal no domingo, como grande parte dos mineiros ficavam feito doidos. O jornal era impresso aqui no Rio, e ficava todo mundo doido para poder receber o jornal no domingo, porque sabiam que o jornal era impresso no domingo, mas só circulava em Belo Horizonte na segunda-feira. Ele achava muita graça no *Binômio* e evidentemente que ele não devia gostar de muita coisa, mas também não falava.

O jornal era impresso no Rio?

Era impresso no Rio. O jornal, depois do massacre do Exército, teve que sair de lá, porque havia risco até de vida do pessoal que trabalhava lá. Ameaça de alguns militares. Isso foi por volta de 1957, 1956.

O Bias Fortes já foi um cara que perseguiu o jornal lá em Minas, não foi? O governador Bias fortes.

Perseguiu?

É.

O Bias também não era nenhum ditador, nem contra as liberdades não. O Bias era um cara moderado e ele tratava a coisa mineiramente, fingia que não via [risos].

Quem eram seus companheiros de *Binômio*?

Vander Piroli, Mário Rolla, Jacoca Jaíba, Celius Aulicus Gomes Jardim, Fernando Telles, que era meu irmão. Difícil lembrar todo mundo... O José Maria Rabelo era o pai-de-todos. Uma das criaturas mais incríveis era o Celius Aulicus: ele fazia uma coluna de humor - ele morreu, infelizmente -, se assinava General da Banda. Tem uma história tão engraçada com ele: em 1964, ele foi preso e diante de um

coronel, um general, uma autoridade militar qualquer, o cara falou com ele: "O senhor está proibido a partir de hoje de ser chamado de general." Aí ele começou a rir com o coronel: "Como é que o senhor vai me proibir? Proíbe aos outros que me chamem, porque quando eu for falar, o cara já me chamou de general e aí como é que eu vou ficar? O senhor tem que proibir quem me chama e não eu." O cara ficou furioso, porque ele começou a rir daquilo. "Como é que vai fazer para proibir o cara de me chamar? Chego ali, o cara quer me sacanear e grita de longe: O general! Aí pronto, já chamou. Aí eu vou preso de novo?"

Ozéas, como o *Binômio* e a *Última Hora* eram? O quanto eles eram diferentes do resto da imprensa mineira?

Os jornais mineiros sempre foram, e ainda são até hoje, conservadores ao máximo. Não sei se é a população que quer um jornal conservador. Não acredito, porque se fosse assim nem a *Última Hora* nem o *Binômio* teriam feito o sucesso que fizeram em Minas. A *Última Hora* fez sucesso no Brasil inteiro; o *Binômio* fez sucesso em vários lugares do Brasil. Minas não tolerava, por exemplo, futebol. Eu me lembro que quando eu comecei a jogar futebol, minha mãe, que era conservadora, falava que não ia educar filho para poder dar "coice em bola". Quer dizer, tratava a coisa dessa forma, porque não gostava. O mineiro não gostava de futebol. Depois, o Jorge Carone Filho, que foi prefeito de Belo Horizonte, apresentou o projeto de construção do estádio que hoje é o Mineirão; era para ter sido um estádio municipal, porque era a Prefeitura quem ia construir. O projeto é de um jornalista também, chamado Benedito Adami de Carvalho, que infelizmente já morreu, mas, era um grande colaborador do esporte. Mas, você via que o mineiro não gostava de futebol, por causa do conservadorismo; futebol e violão... Eu tocava violão. Eu comecei a aprender violão e minha mãe queria que cada filho tocasse um instrumento; eu tinha uma irmã baixinha que tocava acordeão - ficava aquela cena mais ridícula possível, porque aquela minha irmã baixinha com aquele troço na mão, enorme, pesado... Então, eu fui tocar violão e ela foi e falou comigo assim: "Você nasceu para ser marginal, porque você gosta de futebol e violão." É mais ou menos esse conservadorismo que existe em Minas até hoje. O sucesso do Mineirão eu reputo à falta de opções de lazer em Belo Horizonte. Não tem nada. Nada, nada. Não tem uma opção de lazer em Belo Horizonte. Aliás, agora está surgindo uma, que é ir ver as antas que ficam dentro da Lagoa da Pampulha. E dar pipoca, sei lá, um negócio qualquer para as antas; elas ficam soltas lá. Mas tirando isso... E tem a parte cultural, que é um museu chamado Inhotim, que é um negócio fantástico; é coisa de primeiro mundo. Eu até sugiro que todo mundo devia ir lá ver e vocês deviam deixar um depoimento desses gravado lá também, no Inhotim, arranjar

uma maneira de guardar no Inhotim. O Inhotim é um negócio muito bem planejado; é uma fazenda que foi transformada em museu, e com liberdade total para os artistas, arte contemporânea. Eles fizeram umas casas, construíram umas salas enormes, isoladas, cercadas de plantas, é muito bonito. O cara, um artista mineiro, fez o chamado Salão Vermelho: o nome já diz, todo vermelho, o chão é todo escorrido de sangue e lembra as coisas da ditadura militar. No final dessa sala, existe uma salinha menor com um xadrez e ali, naquele xadrez, o cara escorre sangue da torneira, e é exatamente uma cópia de um xadrez, por exemplo, aqui do DOPS aqui ou da Polícia Federal que tinha aqui no Rio. É muito marcante. Mas, uma das vezes que eu fui lá, estava fechada essa sala, porque disseram que estava dando um vazamento de chuva. Aí eu falei assim: "essa chuva deve ter alguma cor partidária que não é vermelha."

Aproveitando que você falou da ditadura, qual era o clima lá no *Binômio* antes do Golpe de 1964? Quer dizer, vocês percebiam que alguma coisa estava em andamento? Como é que era o ambiente no jornal antes do Golpe?

A gente não acreditava no Golpe. Existia um colunista, Guy de Almeida, ele usava um pseudônimo (esqueci o pseudônimo, talvez caminhando a coisa eu lembre), e ele... O Zé Maria Rabelo até hoje conta umas histórias de que numa semana, o título do artigo dele era: "O Golpe em Marcha"; na outra semana, o título do artigo era: "A Marcha do Golpe". Ele batia naquela tecla que tinha um golpe em marcha contra o Jango, contra as forças populares estabelecidas no país. Muita gente não sabe que aquilo era uma vontade popular, que o Jango foi eleito democraticamente, livremente, ele foi escolhido para ser vice-presidente. Depois, com a renúncia do Jânio, que ele assumiu a Presidência da República, aquilo era uma vontade popular. Então, começou-se a conspiração. Eu, particularmente, não acredito muito nessa história de conspiração brasileira, tanto é que houve um golpe em toda a América do Sul naquela época; aquilo foi coisa da CIA, tanto aqui no Brasil como em outros países. Mas, o *Binômio*, com a exceção do Guy de Almeida, tratava a coisa como se não fosse haver golpe nenhum, não acreditava no golpe.

O *Binômio* era também um jornal de muitas denúncias, de grandes reportagens, não era isso? Você lembra de reportagens...

O *Binômio* começou como um jornal humorístico; pegava um fato do dia e transformava em humor. Depois ele foi sendo transformado, talvez a exigência do próprio leitor fizesse com que ele fosse transformado em jornal sério, apesar de que o humor era feito com muita seriedade, usando a verdade, entendeu? Eu fiz a

Última Hora. Havia na televisão uma mulher chamada Ofélia, que mentia muito, e o esquete encerrava o quadro sempre com o marido dela dizendo assim: "Você mente muito, Ofélia." E aí, a *Última Hora* de Recife ganhou o apelido de Ofélia, porque a *Última Hora* de Recife chegou a tal ponto que, uma vez, quando a Rússia lançou um satélite que desapareceu - ficou uns quatro ou cinco dias desaparecido - a *Última Hora* de Recife publicou uma manchete assim: "Rádio de UH captou o bip-bip mágico do satélite russo." Fazia um troço que você não sabia realmente se era um deboche, o quê que era... Aí ganhou o apelido de Ofélia. Mas o *Binômio* não. O *Binômio* era um jornal muito respeitado. Aliás, é respeitado até hoje; ele não existe, mas é respeitado até hoje.

O que acontece com o *Binômio* quando vem o Golpe de 1964?

Prenderam todo mundo. Só não prenderam quem conseguiu fugir. Alguns foram presos e ficaram presos uma semana, 15 dias. Célius Aulicus, por exemplo, foi preso; o Guy de Almeida foi preso. E outros jornalistas também foram presos. Eu consegui escapar da prisão, porque eu fiquei sabendo antes. Por sorte minha, eu estava indo para o *Binômio* quando eu encontrei o Zé Maria Rabelo e começamos a falar sobre isso. E aí ele falou: "Quer saber de uma coisa, eu vou pegar meu carro e cair fora, porque meu carro todo mundo conhece." E aí, ele foi para o estacionamento pegar o carro e caiu fora. Eu, ao invés de ir para o *Binômio*, fiquei de longe olhando para ver se realmente... Daí a pouco, o Exército chegou lá e ocupou. Aliás, no golpe de 1964, eu acho que, em Belo Horizonte, o primeiro lugar que o Exército ocupou foi o *Binômio*. Antes de ir para a rua, foi lá e ocupou o *Binômio*. Então, acabou. Nunca mais. O Zé Maria Rabelo foi para o exílio e eu arranjei uma namorada depois, que era filha de um general, e eu conversei com o general e falei com ele a hipótese de voltar o *Binômio* (não tinha falado com o Zé Maria ainda não). Esse general, pai da moça, falou: "Não é uma decisão minha, mas eu posso te levar lá e você conversar com o general". Aí eu fui, ingenuamente, e o general falou comigo: "Como você está aqui com o general Osvaldo, então você tem um minuto para mudar de idéia ou para sair correndo." E o *Binômio*, realmente, não deixavam voltar não. Eles faziam questão... Esse general falou, inclusive, o seguinte: "Não volta nem como jornal feminino, porque vocês voltam como jornal feminino e daí a pouco já não é mais jornal feminino."

Vamos continuar falando sobre a *Última Hora*. Como era a sucursal mineira do jornal e o quê você fazia nesse início? Como era o trabalho de vocês, o dia-a-dia, o funcionamento?

As pautas saíam muito cedo, porque o jornal era impresso no Rio. Havia equipe que começava a trabalhar às seis horas da manhã em Belo Horizonte. Por exemplo, pessoal de delegacia, porque o grande movimento de delegacia naquela época era à noite. As notícias aconteciam durante a noite e, às seis horas da manhã, você corria para a delegacia para pegar o livro de ocorrências e conversar com os policiais que ainda não tinham saído do plantão, para saber se tinha algum negócio em andamento, algum crime em investigação, alguma coisa assim. Ia para a redação, escrevia a matéria, e você continuava trabalhando o dia inteiro, porque o primeiro malote saía de lá em torno de uma hora da tarde, para a *Última Hora* do Rio. Tinha uma redação em BH e uma no Rio. Aliás, na *Última Hora* do Rio eram feitas a edição fluminense, (do estado do Rio), a edição mineira e a edição de Brasília. Então, essas primeiras matérias vinham à uma hora, depois, vinha uma outra remessa em um vôo às cinco horas da tarde, isso para poder baratear o custo do telex. Naquela época, era o telex. A gente usava o teletipo e o telex, mas o telex permitia conversar com a pessoa do outro lado; e o teletipo não, só receber. Então, a gente, depois dessa remessa das seis da tarde, passava material pelo telex. Na época que começou a *Última Hora*, ainda não havia transmissão de telefoto, só rádio-foto. Mas, a rádio-foto só era transmitida pela *UPI* [United Press International] ou pela *France-Presse*. Então, você não tinha como transmitir uma foto de Belo Horizonte para o Rio. Quando era um fato relevante, de interesse internacional, aí eles colocavam a foto no roteiro deles, da *UPI* e *France-Presse*. Por exemplo, o primeiro casamento de um padre, autorizado pelo Vaticano. (Quem cobriu isso inclusive fui eu). Foi o padre Vidigal, ele casou autorizado, e a mulher dele não se deixava fotografar. Ela era uma pessoa meio "braba"; era gerente de um banco numa cidade chamada Nova Era e ninguém conseguia a foto dela. Bom, eu fui lá e eu fui muito bem informado sobre o roteiro dela, que ela trabalhava no banco, mas ela morava em cima do banco, e ela descia a escada interna da casa dela para o banco. Isso é muito comum no interior de Minas. Aí, ela descia a escada e não tinha como localizar, você não sabia nem quem era a mulher, mas eu consegui chegar nela, cobri a máquina - era aquelas rollyflex - com um pedaço de jornal e deixei fora só a lente e o botão de acionar. Eu só podia fazer uma foto de cada vez, porque eu tinha que voltar para colocar o filme em posição. Havia uma manivela na rollyflex; você rodava aquela manivela para poder colocar o filme em posição. Não era automático. Eu consegui fazer umas duas ou três fotos dela e tinha um outro cara que eu entreguei a máquina, que ele também me fotografou segurando ela. Porque, no final, ela não deixava e eu estava com medo de não garantir a foto. Aí, eu fui lá e abracei-a; aí, na hora que eu abracei, eu segurei à força, tanto que, se a foto ainda for encontrada aí, vai ver que eu estou agarrando

ela. E ela querendo se desvencilhar de mim, o cara aproveitou e fotografou. Essa foto, tanto a *France-Presse* quanto a *UPI* colocaram no roteiro delas. Então, saiu pro mundo inteiro. Apesar de eu ter feito pela *Última Hora*, o Samuel [Wainer] mandou ceder para a *UPI*, porque eu falei com ele: "Samuel, só eu tenho essa foto." Aí ele falou: "Eu sei, mas não importa. Eles estão querendo a foto, entrega a foto aí que eu estou precisando, porque eu estou devendo. Pronto, se eu estou devendo lá a *UPI* e a *France-Presse*, se eu não tenho nem como pagar, como é que eu vou negar uma foto?" Aí, eu fui lá e entreguei a foto, e saiu em vários países. Foi a primeira página de vários países. Então, nesses acontecimentos assim, você conseguia passar a foto, mas depois veio o telefoto. Aí a *Última Hora* comprou imediatamente os aparelhos de telefoto e começamos a passar as fotos por telefone.

Já que você citou o Samuel Wainer, conta como foi o seu primeiro encontro com ele.

Bom, o meu primeiro encontro com o Samuel foi em Belo Horizonte. Aconteceu um negócio muito engraçado, porque foi um domingo de manhã e ele chegou lá com a Danuza [Leão] na redação da *Última Hora* de Belo Horizonte. Eu estava de plantão. Eles geralmente pegavam o mais bobo para poder ser o plantão de domingo. Então, me pegaram e me botaram lá. E eu estava sozinho na redação, oito horas da manhã, chegou o Samuel, eu fiquei olhando para a cara dele e falei: "Eu conheço esse senhor." E olhava para a cara dele: eu conheço, conheço, conheço. E aí, a Danuza também era uma pessoa conhecida e vi que... Aí ele falou: "Eu queria falar com o diretor daqui, da *Última Hora*." Aí eu falei: "olha, o diretor não vem aqui hoje." E ele foi: "O diretor, como é que ele chama?" Aí eu falei: "Hélio Adami de Carvalho." Ele falou: "É exatamente ele. Como é que eu faço para falar com ele?" Eu falei: "Vem cá, o senhor é o senhor Samuel Wainer?" Aí que eu vi que era ele; aí ele falou: "Sou, sou eu sim." Eu falei: "Meu sonho era te conhecer." Ele não achou muita graça naquilo, ficou ali e aí eu falei com ele: "Eu vou ligar para a casa do Hélio Adami agora." E liguei. Hélio pediu para que eu o levasse na casa dele; e aí ele me deu o telefone dele e falou: "Olha, eu vou querer que você trabalhe comigo, porque você é um cara muito esperto. Você liga para mim, porque eu vou te levar para o Rio." Aí, ele me trouxe para a redação da *Última Hora* no Rio e eu comecei a trabalhar aqui. Naquela época não era muito bem visto. Eles chamavam de pára-quedista o cara que entrava através do dono, e apesar de não conhecê-lo, foi através dele que eu entrei.

Mas quando você chegou ao Rio, não foi bem recebido, não é?

Não fui não. Fui bem recebido pelo Cristo, que já estava de braços abertos. Mas, na redação, diante de eu ter sido indicado pelo dono, então o pessoal fica meio... Mas depois, acabou que tudo deu certo, porque eu conhecia muita gente dentro da redação. Então, as pessoas sabiam que eu não era um pára-queda. Pára-quadistas eles chamavam aqueles caras engravatados que o dono do jornal às vezes era obrigado a engolir, por um pedido de um banqueiro, por exemplo. O banqueiro pedia a um dono de jornal: "Ah, eu tenho um amigo aí que é jornalista." Mandava o cara lá, aqueles caras engravatados. Como o pessoal sabia que a minha origem não era essa, não existia faculdade ainda, e eu acabei me adaptando.

Que ano é esse em que você vem pro Rio?

Bom, eu posso fazer um cálculo mais ou menos aqui, porque, em 1958, eu saí do Exército, aí eu acho que isso aconteceu uns três anos depois. Por aí, 1961, 1962.

Você veio para o Rio antes do Exército? Não foi depois do Golpe, não?

Vim antes do Exército. Depois do Golpe, eu tive que vir mesmo: para não voltar. Aí nunca mais voltei.

Mas nesse período, então, você se dividia entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro?

Vivia entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Na *Última Hora*?

Não tinha como voltar lá, inclusive. O *Binômio* não podia voltar; e *Binômio* e *Última Hora* eram um deus-nos-acuda.

Qual a situação da *Última Hora* depois do Golpe, aqui no Rio?

A *Última Hora* foi quebrada no dia do Golpe, eu estava aqui. Nesse meu vai-e-vem, no dia do Golpe, eu viajei daqui para Belo Horizonte. Não fui só eu não. O Zé Maria Rabelo estava no Rio - vinha muito para cá, porque o *Binômio* era impresso aqui - e também viajou para BH. Quando eu cheguei à *Última Hora*, tinham invadido... Existia um camarada que fazia um programa de televisão aqui no Rio chamado Flávio Cavalcanti, ele foi bastante famoso aqui, e ele comandou - eu não sei por que - um quebra-quebra na *Última Hora*. Deve ter sido alguma notícia que não interessou a ele ou alguma crítica que fizeram ao programa dele. Eu sei que ele aproveitou aquela oportunidade e comandou um quebra-quebra. Ele era muito ligado à polícia, então ele incendiou, inclusive, vários jipes, quase todo o transporte da *Última Hora*. Os jornais naquela época usavam muito o jipe, porque era mais

resistente e o carro da reportagem era o jipe. Tem um do *Jornal do Brasil*; n'O *Globo*... O *Globo* não tinha muita importância na época. Mas botaram fogo nos jipes todos da *Última Hora*, comandados pelo Flávio Cavalcanti, que pegou o microfone da *Rádio Nacional* e comandou. Flávio Cavalcanti era muito ligado ao então governador Carlos Lacerda, e tinha ódio da *Última Hora*. O Carlos Lacerda tinha ódio, porque a *Última Hora* era uma briga constante com ele. Não era jornal de oposição só não. Era uma briga pessoal inclusive, que começou quando o Carlos Lacerda era do Partido Comunista. Talvez por uma briga de vaidades, o Samuel Wainer e ele eram até colegas de quarto, de pensão. E ele brigou com o Samuel Wainer e essa briga durou até quase a morte do Samuel. Acho que foi o Lacerda quem morreu primeiro. Sim: o Lacerda morreu primeiro. Eu me lembro que o Samuel me deu, uma vez, uma foto dele para botar na primeira página, aí eu falei: "Vem cá, Samuel, vai botar?" ele falou: "Oséas, esquece. Coloca lá. Esquece o que aconteceu."

E desse período do regime militar, de 1964 até 1974, quais foram os momentos mais tensos da *Última Hora* na relação com o regime?

Não houve relação com os militares. Primeiro, foi no dia do Golpe: invadiram a sede da *Última Hora*, que já era na Rua Sotero dos Reis, incendiaram lá, quebraram, prenderam quase todo mundo lá na redação da *Última Hora*, e ocuparam a redação para não... Acho que ficou um dia sem fazer o jornal. O jornal era impresso ali na oficina. A *Última Hora* funcionou muitos anos onde hoje é a estação do metrô, em frente à Central do Brasil, em frente à rede ferroviária. Ali havia um prédio da *Última Hora*; foi demolido, o Samuel vendeu para a Companhia do Metrô. Mas a *Última Hora* ainda era impressa lá. O jornal era feito lá na Rua Sotero dos Reis e ia para lá o flan, uma matriz para impressão de papelão, que hoje não usa mais, porque é tudo a frio, que é aquela chapa de *offset*, mas, na época, usava o flan, que recebia o relevo do chumbo e era colocado na formatação da máquina para poder imprimir o jornal. Então, vinha o flan lá da Praça da Bandeira, da Rua Sotero dos Reis, para ser impresso lá em frente à rede ferroviária.

Você foi muito amigo do Samuel Wainer. Como era trabalhar com o ele e como era a sua relação de amizade com ele?

O Samuel era um cara complicado [risos]. O Samuel Wainer era um dono de jornal talentoso, porque os outros donos de jornal não tinham muito a ver com o jornal. Havia também o Carlos Lacerda na *Tribuna da Imprensa* e os dois eram bons jornalistas. Samuel Wainer era um cara que sabia tudo de jornal. Muita gente esculhamba ou esculhambou com ele, mas ele tinha uma sensibilidade muito

grande. Eu até tenho uma passagem com o Pinheiro Júnior, o Pinheiro Júnior sempre trabalhou do meu lado, sempre comigo, eu com ele e ele comigo. Não posso falar do meu lado, porque fica aquela coisa arrogante, parecendo que eu que ensinei o Pinheiro. Bom, uma vez eu comentei com o Pinheiro que tinha uma foto em cima da mesa e eu tinha verdadeiro ódio de dobrar a foto. Todo mundo tinha mania disso, chegavam em cima da mesa, pegavam a foto e dobravam a foto para poder ver o corte. Aí estragava a foto, claro. E o Samuel Wainer uma vez chegou e ele pegou uma foto, se eu não me engano, eu acho que foi aquela Lú, que matava os namorados, uma moça bonita que matava os namorados, colocaram o apelido dela de empada de botequim: "comeu, morreu". Aí o Samuel chegou, pegou a foto dela e quebrou a foto toda assim, aí eu vi que ele realmente tinha feito o corte certo. Naquela época, não havia o equipamento de você fazer uma projeção para não precisar estragar a foto. Aí ele pegou aquela foto, dobrou, dobrou, dobrou, dobrou, ficou aquele negócio, eu fiquei: "ô, Samuel, vai quebrar a foto!", e ele falou: "Porque o corte é esse aqui." Até falei com o Pinheiro: "você que o Samuel ele tem sensibilidade até para isso." Coisa que o Carlos Lacerda jamais faria numa redação da *Tribuna*; o Nascimento Brito nem chegava perto da redação, muito menos de uma foto. E daí por diante, o *Correio da Manhã*, o *Diário Carioca*, os outros jornais todos... O Samuel, às vezes, ficava muito bravo quando um repórter falhava, por exemplo, num acontecimento. Ele sempre trabalhou sendo vanguarda, vanguarda de tudo. Tinha um amigo meu que não gostava dele e dizia assim: "Ele foi vanguarda até de corno." [risos] Ele ficava bravo quando, por exemplo, o repórter perdia o acontecimento. Você fez o local? Porque o importante naquela época era o local, hoje talvez nem seja mais o local, porque a televisão filma tudo e, no dia seguinte, já perde a importância. Mas antigamente, quando perdia o local, o chefe da reportagem, o editor, ficava constrangido; se trabalhasse num grande jornal, pequeno jornal telefonava e pedia: "você tem local?" Você, às vezes, fornecia. Depois começaram a vender: para a *UPI*, para a *France-Presse*, *Agência JB*... O Samuel ficava muito bravo, xingava, esculhambava, era o chamado porralouca completo. Uma vez, um espanhol que trabalhou na *Última Hora* muitos anos, na [editoria] internacional - e a entrada do espanhol mostra o quanto que o Samuel era porralouca - e o espanhol estava chegando da ditadura do Franco e estava procurando um amigo dele lá na *Última Hora*, para ver se o cara arrumava um emprego para ele aqui no Brasil, que era um jornalista espanhol, se chamava Ruiz. E ele estava lá, esperando o amigo, e o Samuel Wainer passou com uma lauda na mão e precisava fazer um copidesque da matéria, aí ele foi e viu esse cara lá em pé e enfiou na mão do cara assim: "Vai lá, vai lá! Faz um copi para mim e me entrega essa matéria agora!" Aí o cara fez e entregou para ele. Aí ele virou e falou: "Você

trabalha aonde?” Aí o espanhol falou: “eu vim aqui para ver se o cara aí” – acho que foi o Theodoro de Barros ou o Pinheiro Júnior, não sei – “arranja um emprego na *Última Hora*”. Aí o Samuel virou para ele e falou assim: “Já tá empregado, já tá. Pode sentar lá e começar na internacional.” Ele viu que o cara era um espanhol, aí botou na internacional. E ele trabalhou lá muitos anos dessa forma. O Samuel tinha essas coisas.

Na sua visão, por que a *Última Hora* se tornou um dos jornais mais importantes da história da imprensa do Brasil?

Primeiro foi porque, eu acho que foi o jornal que mais vendeu no Brasil, até hoje não foi superado. *O Globo, Folha de S. Paulo* dão números que eles querem dar, é claro e evidente, mas não atingiu nunca o volume de jornal que a *Última Hora* vendia. A *Última Hora* aqui no Rio, por exemplo, você ficava de manhã ali na Avenida Copacabana, ali, de braços cruzados olhando o movimento da Avenida Copacabana e passava o bonde dentro da Avenida Copacabana, e dentro do bonde quase a totalidade dos passageiros do bonde ia lendo o jornalzinho azul. E só tinha um jornalzinho azul: a *Última Hora*. Então, o índice de leitura da *Última Hora* era muito grande; era muito forte o jornal. Outra coisa é o número de edições simultâneas diárias que saía da *Última Hora*: saía em Minas, no estado do Rio, em Brasília, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Pernambuco. Estava se preparando, antes do Golpe, para poder lançar na Bahia e também em vários outros estados. Estava se preparando para poder lançar as edições regionais. Samuel usou uma maneira simples de resolver isso. O Rio imprimia a mineira, a fluminense e Brasília, e a carioca matutina e a vespertina. Só aqui tinha cinco edições diariamente. A vespertina vendia loucamente. Os jornais vespertinos saíam geralmente duas horas da tarde, o Samuel puxou esse duas horas da tarde para oito, nove horas da manhã. Então, rodava a vespertina as oito, nove horas da manhã. Então o jornal chegava fresquinho na mão do leitor e vendia horrores enquanto os outros estavam vendendo a edição que foi feita à noite. São Paulo rodava Paraná, matutino e vespertino de São Paulo e uma outra: eram quatro edições que rodavam em São Paulo. E Rio Grande do Sul rodava Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Pernambuco rodava só Pernambuco, mas ia rodar outros estados ali perto. Foi o jornal que teve mais edição simultânea diariamente. Então só aí, por menos que vendesse, vendeu mais do que qualquer jornal vende hoje, entendeu. Segundo, que o prestígio político da *Última Hora* era muito grande; a *Última Hora* era respeitada, era popular, mas respeitada. Não só o Jango considerava aquilo que o *Última Hora* falava, como outros depois vieram. Tanto

que, no Golpe de 1964, muita gente falava que o Golpe foi feito contra o *Última Hora*.

Depois do Golpe, que tipo de problemas a *Última Hora* passa a sofrer?

Aí houve uma perseguição velada à *Última Hora*, não foi escondida. A junta militar, logo imediatamente, talvez 15 dias ou um mês de Golpe, chamava os anunciantes e perseguia aqueles que anunciavam com a *Última Hora*. Um dos empresários que foi muito perseguido foi o João Nascimento Pires, dono do Banco Mineiro do Oeste, e sempre anunciava na *Última Hora*. Não só anunciava como emprestava dinheiro para a *Última Hora*. Naquela época, dificilmente um jornal conseguia empréstimo em banco e o João Nascimento Pires emprestava dinheiro para a *Última Hora* e anunciava na *Última Hora*. O João Nascimento Pires, o Banco Mineiro do Oeste, que nessa época era um dos maiores bancos privados do Brasil, sofreu uma perseguição enorme da ditadura militar até que a ditadura tomasse o banco para o Bradesco, Amador Aguiar.

Então assim que funcionava a pressão contra a *Última Hora*?

E outros anunciantes, inclusive do varejo. Os caras argumentavam com quem fosse conversar com eles que eles precisavam anunciar, não adianta ter um estoque lá de 200 camisas para vender e não anunciar, não vende nenhuma. Então, argumentavam que eles tinham que anunciar na *Última Hora*, porque nenhum jornal vendia o varejo com a facilidade que vendia a *Última Hora*, que era um jornal popular, para vender coisas mais baratas, feito camisa, tênis... *O Dia* lançado pelo Chagas Freitas cresceu muito na faixa da *Última Hora*. *A Notícia* era uma *Última Hora* fraquinha, de circulação muito baixa e não tinha muito prestígio, tanto que o Chagas Freitas, que era o diretor d'*A Notícia* - o jornal era do Adhemar de Barros e o Chagas era o diretor - lançou *O Dia*, que acabou ocupando o espaço d'*A Notícia*. E ele era um jornal mais barato: suponhamos que o jornal custasse na época um real e ele vendia por 20 centavos. E era rodado na máquina d'*A Notícia*. Depois, os filhos do Adhemar vieram a dizer que o Chagas roubou o jornal dele, porque lançou *O Dia* e tirou *A Notícia* do mercado. Então *O Dia* começou a entrar muito na faixa da *Última Hora* e a *Última Hora* sofrendo a perseguição da ditadura - e o Chagas era ligado à ditadura, todo mundo sabe disso. Na época, ele ainda não era o governador do estado. Muita gente diz que o Chagas conseguiu ser o governador, porque era dono do *O Dia*. Não sei, eu tenho minhas dúvidas. Não sei se pode se afirmar isso como uma verdade, até porque *O Dia* não tinha prestígio político, e o Chagas foi o último governador nomeado.

Você está contando das dificuldades da *Última Hora*. E como o jornal acaba?

Falta de dinheiro. Essa perseguição tirou anunciantes da *Última Hora*. Evidentemente que tem pessoas que se você for ouvir aqui vão dizer que a *Última Hora* era um jornal que vivia de benesses: benesse do Jango, benesse do Getúlio. Não era bem assim. Não haveria benesse se o jornal não valesse. Primeiro isso, essa enorme circulação da *Última Hora*, que até hoje não teve no Brasil um jornal com tamanha circulação. Alguém vai dar dinheiro para um jornal que não circula? Não, né. Vai dar a um jornal que tinha prestígio, que tinha força, e a *Última Hora* era isso. Depois disso, a perseguição fez com que tirasse até o anunciante de varejo, que era o que pagava menos. O Samuel lutou, lutou muito com as lojas que anunciavam lá. Ducal, por exemplo, era um grande anunciante. A Ducal ainda existe hein? Nem sei se existe.

Não, não existe mais não.

Acabou. Pois é. Então: era um grande anunciante. Às vezes publicava na segunda-feira, porque o dia forte da *Última Hora*, na semana, era segunda-feira. Não circulava domingo, mas na segunda-feira circulava sozinha. Então, era o dia forte. Tinha segunda-feira que saía um caderno de oito páginas, tudo anúncio da Ducal entendeu. E aquilo ali vendia horrores; a Ducal vendia horrores ao anunciar na *Última Hora*. A *Última Hora* foi perdendo até a Ducal, que era a que pagava mais barato. O Samuel foi precisando de dinheiro para poder manter aquele status de grande jornal, mas não conseguiu manter. Muita gente falava que o Samuel pegou o dinheiro para ele, não é verdade, eu acompanhei muito a vida do Samuel, porque eu não fui só empregado dele não, apesar de ser maltratado por ele, eu gostava muito dele e era muito amigo dele. Para as pessoas que falavam isso, eu perguntava assim: "Mas o que ele fez com o dinheiro?" Porque quando alguém rouba um milhão, um bilhão, você está de olho, porque você sabe o quê que aquele cara está fazendo com o dinheiro. O cara não vai esconder um bilhão por cem anos, porque aí não adianta ele roubar. Então, o Samuel fez um filme chamado *Os Pastores da Desordem*. Quem dirigiu foi o Nikos Papatakis, que era um cineasta premiado na França. Ele era um grego que vivia na França e que fez esse *Os Pastores da Desordem*. E muita gente diz que o Samuel enterrou o dinheiro no filme. Não é verdade, porque um filme também não destruiria a *Última Hora*. O preço de um filme não dá para destruir a *Última Hora*. Apesar de falarem muito mal do Nikos Papatakis, que o Nikos Papatakis fazia uma chantagem, ele parava o filme e falava com o Samuel: "Você vai ter que me dar mais tanto, porque do contrário o filme não vai acabar." E filme inacabado não existe. Acabou que o filme não fez

sucesso também de bilheteria não. Entrou no circuito do cara que era dono dos cinemas todos, o Luiz Severiano Ribeiro, mas ficou dois ou três dias só, e em poucos cinemas. Não tinha bilheteria. O próprio Samuel faz crítica a ele mesmo. Aí falei: "Vem cá Samuel, mas por quê? O filme não é tão ruim assim não..." Ele falou assim: "Ozéas, o negócio é o seguinte, virou filme de arte." Virou filme de arte acabou. Não dá bilheteria, não ganha dinheiro. [risos]

Em 1974, o Wainer vende o jornal. E aí, você foi fazer o quê?

Ficou marcado que eu procuraria emprego daí a dois meses. Aí juntou eu, o Pinheiro Júnior – que é esse meu companheiro até hoje, se Deus quiser vai ser ainda por muito tempo – e o João Ribeiro, que já morreu, e nós fomos fazer uma viagem, assim como estava muito na moda aquele filme americano da motocicleta, *Easy Rider*. Fomos fazer *easy rider* de carro. Eu, Pinheiro e João Ribeiro. Saímos pela Rio-São Paulo e depois pegamos uma estrada que eu nunca tinha entrado. Eu que dirigia, o carro era meu. Descobri, depois, que nós estávamos em Três Rios, uma cidadezinha no interior do estado do Rio. Acabamos saindo na BR-040 que é a Rio-Belo Horizonte e fomos até no Espírito Santo. Antes de chegar a Belo Horizonte, nós saímos da BR-040. Estava *easy rider* mesmo. Na época, ainda estava muito vivo o negócio de subversão, aí fomos presos numa cidade do interior de Minas, porque a gente estava atirando, no parque de diversão, naqueles patinhos com espingardinha de chumbo. Aí, a polícia nos cercou como três perigosos subversivos. Quando nós falamos que éramos jornalistas, aí piorou: então é subversivo mesmo. Aí fomos para a delegacia, ficamos lá um dia explicando o que nós estávamos fazendo, que não estávamos fazendo nada, quem era a gente. Aí eles nos soltaram. Logo depois, um amigo nosso telefonou perguntando se a gente queria fazer um projeto novo para *O Jornal*, que era um jornal dos *Diários Associados*. Chamava *O Jornal do Rio de Janeiro*. E aí nós aceitamos fazer o projeto, fizemos um projeto até bonito, mas para começar a reagir, o jornal demora muito. Até que nós criamos uma série de reportagens feita pelo José Carlos de Assis, um grande jornalista e que estava começando naquela época. Era uma série de reportagens sobre Copacabana que chamava "Copacabana te engana", mostrando em que Copacabana te engana tanto. Tinha, por exemplo, uma história de uma família em guerra permanente. Havia uma criança de cinco ou seis anos, a mãe dessa criança casou com um cara bêbado e ele passava mel naqueles botões da televisão, de som, de iluminação da televisão, cor - os botões embaixo, naquela época não tinha controle remoto - e a mãe ia mexer nos botões e molhava a mão naquele mel. Aí, pegava a garota de seis anos e dava verdadeiras surras na garota e ninguém sabia o porquê. A garota tinha ódio do padrasto, porque o padrasto fazia aquilo

exatamente para a menina tomar a surra. E a menina, uma criança de seis anos, não sabe explicar. Também não adianta explicar, porque a mãe não acreditava. Primeiro que a mãe queria era ele e não ela. Então, é uma história engraçada de Copacabana. Tinha outras histórias... Moravam dentro de um quarto - era um quarto só e uma cozinha - era essa quitinete, moravam numa quitinete seis pessoas da mesma família: mãe, filho, amante; morava tudo junto. Então, tinham essas histórias assim e o José Carlos, que era um grande jornalista, relatava muito bem essas histórias. O jornal fez um sucesso enorme com essa série "Copacabana te engana", porque acabou virando leitura obrigatória em vários lugares fora do Rio. E tinha outras histórias: o cara que vivia com uma mulher e quatro filhas, e ele tinha relações sexuais com a mulher e as quatro filhas. E as filhas, quando a mulher brigava por causa disso, tomavam ódio da mãe, porque elas não queriam mudar de Copacabana. Essa era a relação. Claro que sempre preservando a identidade das pessoas. Nós cuidamos, no jornalismo, não só na *Última Hora*, de preservar a identidade das pessoas, até mesmo dos criminosos, porque a gente sabia que era criminoso, entendeu. Como foi o caso do Mariel Marisco, o Lúcio Flávio... Nunca ninguém... A gente preservava inclusive os bandidos. Porque tem muito bandido engravatado aí que todo mundo preserva quando, às vezes, nem merece que seja preservado. Mas isso aí já é o mundo...

Como foi seu trabalho no *Opinião*?

A minha entrada para o *Opinião* se deu com a saída do Raimundo Pereira. Aliás, o *Opinião* foi o jornal mais sério do Brasil até hoje. Um jornal de grande respeito, sério, e é respeito até hoje. Se alguém quiser um título bom para fazer um jornal sério, pode aproveitar o *Opinião*, conversar com os filhos do Gasparian e eles devem até ficar muito honrados de aparecer alguém para fazer o *Opinião*. O Raimundo Pereira, que também trabalhou com muita seriedade lá no *Opinião*, saiu por causa de divergências com o dono, que era o Fernando Gasparian, que chamou o Argemiro Ferreira para poder ser o editor do jornal. O Argemiro aceitou o convite, depois de conversar com o Gasparian, porque o Argemiro também é um cara muito escrupuloso, um profissional que sempre foi muito sério. Depois de conversar muito com o Gasparian, então ele aceitou ser o editor do *Opinião* e me convidou. Foi assim que eu entrei para o *Opinião*. E formou uma equipe muito boa. Acho que foi a época de maior sucesso do *Opinião*. Pelo menos foi a época em que o *Opinião* vendeu mais. Não era um jornal de grande venda, porque era um jornal muito intelectualizado, era um jornal de venda mais moderada. Mas, foi a época que o jornal vendeu mais e foi a época que o jornal foi mais apreendido. Não que a dureza da ditadura nessa época era mais rígida; acho que era mais ou menos a

mesma coisa. É que a gente talvez ousasse mais. E cada vez que ousava, eles prendiam, não só os jornalistas como também apreendiam o jornal. Até que o dono do jornal, o Fernando Gasparian, que era um empresário democrata, um cara rico, bancava o *Opinião* sozinho, até que ele viu que a pressão da ditadura militar era muito grande. Várias pessoas que trabalhavam lá opinavam com o Gasparian que não dava para o jornal sobreviver daquele jeito. Você fazia uma edição de cem mil exemplares e ela era quase toda apreendida. Então, jogava o dinheiro fora, o trabalho todo era jogado fora. O Fernando Gasparian ainda tentou fazer o *Caderno de Opinião*, que era uma publicação mensal que saía com vários artigos, não só do Brasil como de vários colaboradores do mundo, e também o próprio pessoal do *Opinião*. Aí também não... Quando a gente achava que a saída seria isso, porque foi lançado um produto novo, aí começaram a prender também o *Caderno de Opinião*. Devem ter saído três ou quatro edições só; era mensal. Foi feito um decreto no governo do Geisel acabando com a censura no Brasil. É o único decreto que tem exceção. Acabava a censura no Brasil, porque era um clamor internacional também, menos para o jornal *Opinião* e o *Pasquim*. Negócio esquisitíssimo, mas é uma verdade. Hoje, se a pessoa pegar um decreto desse, assinado por um Presidente da República, que era o general Geisel, ele vai estranhar: um decreto com exceção. Enfim, não vou falar que é o Brasil, porque pode acontecer em outro lugar também. Não é o pior que existiu no Brasil, o pior foi terem matado o Vladimir Herzog. A ditadura torturou tanta gente, e isso parece que vai sumindo da memória do brasileiro. A ditadura torturou e matou. Tem um cantor aí que chama Juca Chaves, eu estava vendo ele na televisão, fiquei horrorizado. Perdi meu tempo de ficar vendo um cara daquele dizer que a ditadura não é tanto assim não... Devia ter mudado de canal.

Você esteve em jornais muito combativos: o *Binômio*, a *Última Hora*, o *Opinião*. Como você vê a forma como os jornais e os jornalistas se portaram durante a ditadura?

Havia vários tipos de jornalistas. Havia o jornalista combativo porque queria (eu fui combativo porque eu quis; combati a ditadura militar de todas as maneiras que eu pude). E havia jornalistas que eram chamados picaretas - hoje essa palavra parece que tem outra conotação -o picareta combatia a gente que combatia a ditadura. Para ele estava bom. Evidentemente que jornalistas combativos estavam constantemente com alguma novidade para poder furar a censura, e os jornalistas picaretas estavam lá para poder não deixar furar a censura. Então, havia esse tipo de coisa, muita gente falava mal um do outro... Acontece que um dos motivos pelo que a ditadura acabou foi este mesmo: o número de jornalistas combativos foi

crescendo e levou muita gente a aumentar essa ala que lutava contra a ditadura. Não só em jornal, mas rádio e televisão também acompanhavam. Rádio e televisão eram regidos de outra forma, porque o dono de jornal não lia tudo que ia sair no jornal, mas ele lia o jornal depois de pronto, aí pegava o Oséas e demitia o Oséas. "Quem fez isso?" "Oséas". "Então está demitido". Entendeu como é que era? Fazia-se isso, era comum inclusive. Rádio e televisão, o cara cuidava antes para não ir a notícia ao ar, mas mesmo assim havia os furões, os caras que furavam a censura e conseguiam botar muita coisa importante dentro do jornal que estava acontecendo. O Fiel e o Herzog, quando foram mortos, eles... É simples, é só você olhar a primeira informação: foi suicídio. E aquilo durou 15 dias ou mais. Mas graças ao jornalista combativo, essa história do Herzog veio a público. Como o mundo estava muito voltado para o Brasil (havia muita gente lá fora levando informação de que a morte do Herzog tinha sido um crime dentro da cela, cometido pela polícia), aí o mundo reagiu também. Houve uma ajuda muito grande do mundo: gente que não queria fornecer petróleo para o Brasil na época da crise do petróleo por causa da ditadura militar. Naquela época, nem todo mundo tinha petróleo, e o Brasil não conseguia comprar petróleo. E também [alguns países] pararam de comprar uma série de produtos do Brasil, por causa de tortura. Então, a coisa foi mudando. A exigência de haver eleições, inclusive, foi feita pelo mercado; e aí houve eleição no Brasil. Você pode dizer que não resolveu. Não resolveu no primeiro instante, depois foi mudando, hoje você vive uma democracia dentro do país; e espero que essa democracia tenha longa vida eterna, seja eterna pelo menos enquanto dure.

Você fez jornal em muitas cidades diferentes naquela época.

Fiz.

Como era a imprensa fora desse eixo do Sudeste?

Do ponto de vista profissional, era bastante amador. Foi profissionalizando. Hoje, talvez Minas seja o estado que paga mais mal. E o segundo estado que paga mal é o Rio. Por exemplo, o piso do Sindicato – essa palavra piso não deve nem ser dita, porque ele está pisado, massacrado – de Brasília, eu acho que é mais do que o dobro do piso do Rio; é um disparate. Evidentemente que você não pode se basear no piso para poder... Pode virar sofisma isso o que eu estou falando... Talvez Juiz de Fora tenha salários de jornalista mais elevados do que Belo Horizonte, eu não tenho muita certeza, mas essa comparação que eu fiz com Belo Horizonte, Rio e outros estados, eu tenho absoluta certeza que Brasília paga melhor.

Você queria ser jornalista desde criancinha. Para você, o que é ser jornalista?

É exatamente ter o direito de publicar aquilo que está acontecendo. Essa formação evidentemente você só ganha depois que você estiver experimentando. Por exemplo, ser jornalista durante a ditadura militar era um negócio quase que impossível, apesar de que você chegava às festas grã-finas dos apartamentos da Zona Sul do Rio e muita gente vinha perguntar para mim sobre esse problema da tortura, porque os jornais não publicavam, porque eram censurados. Tinha censura prévia, tinha porrada depois no jornalista. Das vezes que a *Última Hora*... Quando eu falo *Última Hora*, eu sempre falo *Última Hora* do Samuel Wainer, porque depois do Samuel Wainer, a *Última Hora* não existia nem mais um dia, a verdade é essa: virou o jornal do Andreazza, porque ele foi comprado para poder fazer apoio à campanha do Andreazza, que acabou não sendo candidato à Presidência da República. Àquela época, a *Última Hora* ainda tinha muito prestígio. E nessa época era muito comum os militares ocuparem os jornais, qualquer coisinha ocupava os jornais. Os tanques desciam a Avenida Brasil, mas antes chegavam as tropas de infantaria e ocupavam as redações. Essas tropas faziam uma maldade que não podia ser acusada de tortura, mas era um negócio chato pra burro, que doía muito: ele enfiava a metralhadora, aquela metralhadora INA - INA é uma indústria nacional - eles enfiavam o cano da metralhadora aqui na sua costela, entre uma costela e outra, aquilo dói, porque não era apertado devagar, não! E isso assim: "Vamos, encosta lá! Vai encostando!" Os militares chegavam com aqueles capacetes horrorosos, que assustam, e eles viam cutucando, cutucavam aqui e dói. Evidentemente que aquilo ali é um negócio aterrorizante, se ali estavam fazendo isso, imagina a hora que a gente for falar. A coisa vai piorar muito.

Como você vê o jornalismo hoje?

O jornalismo não existe. Infelizmente, eu tenho que falar isso. Podem falar: "está com mágoa porque não está fazendo". É, pode ser, poder ser. Eu tenho uma mágoa de não estar fazendo hoje, confesso que tenho, porque é um negócio que eu sempre amei. Qualquer pessoa que ama sempre aquilo que faz, quando deixa de fazer, é claro que fica a mágoa. Mas hoje não existe o jornalismo. Tem uma série de jornalistas tentando fazer os jornais, que você pode tirar jornalista bom e jornalista ruim. Mas se perguntar o que é bom e o que é ruim, cada um vai dizer uma coisa. Ontem eu estava vendo um jornalzinho que eu achei numa loja em Copacabana. O jornalzinho se chama *JÁ*, é pequenininho assim, e tinha uma entrevista do Chico Caruso, um cara muito inteligente. Eu concluí que aquele jornalzinho pequenininho que eu estava lendo com essa entrevista do Chico é

melhor do que os grandes jornais. Fiquei muito impressionado com aquilo, porque deve ter sido feito por uns dois ou três caras só. Já houve um jornal chamado *JÁ* aqui no Rio, feito pelo Tarso de Castro, que foi um grande jornalista. Chamava-se *JÁ* porque era *Jornal de Amenidades*. Só que Esse *JÁ* aí, eu não sei o porquê que chama *JÁ*. Parece que é um pessoalzinho bom até. E o Chico Caruso, no final, o cara [entrevistador] fala: "Chico, dirija uma palavra aos leitores." Aí a palavra dele é assim: "Procure ler mais jornais." Jornal não precisa disto: "procurar ler mais jornal". O jornal por si só te leva a ler. Nesse jornalzinho, eu li essa entrevista do Chico, não porque tinha a entrevista do Chico - o Chico dá entrevista de cinco em cinco minutos, rádios, televisão, jornal, entrevista do Chico para todo lado. Comecei a ler e achei a entrevista muito melhor do que as mil que eu tenho lido. O jornal por si só nos leva a ler, feito esse *JÁ*. Eu li o jornal por causa disso. Comecei a ler a entrevista, depois li vários artigos, ainda não li todo, mas não joguei fora não.

Qual a sua opinião sobre isso que a gente está fazendo aqui, que é gravar o depoimento de jornalistas para resgatar essa memória?

Eu acho que é a única maneira que tem de você passar a cultura. Não tem jeito de, na sala de aula, um professor chegar e falar essa baboseira toda que eu falei aqui, o aluno vai ficar doido para ir embora correndo, sair fora. "Pô, que aula mais chata". Se isso aqui vai ficar arquivado para alguém ver, esse alguém não vai sair da aula antes, eu te garanto isso. Se vocês levarem pessoas que realmente viveram o jornalismo no Brasil, e viveram episódios importantes, engraçados ou culturais, o cara não vai sair. Quem que não quer ouvir sobre Tarso de Castro? Qualquer pessoa quer. Sobre o Chacrinha? Qualquer pessoa quer. Sobre o Luiz Carlos Maciel, um grande jornalista? Eu ficaria falando as histórias do Tarso por mais duas horas. Quer gravar mais duas horas de Tarso? Ou de Luiz Carlos Maciel, Moacir Werneck... Vamos gravar. Pinheiro Júnior, João Ribeiro... Pode ser que tenha algum professor que não fique achando que ele tem que cumprir aqueles programas por causa do Ministério que exige, mas seria interessante os professores pegarem e transformarem isso aí numa edição. Transformar isso em três ou quatro aulas, que eu acho que vai ser interessante. Eu acho [o projeto] muito bom, porque vai ficar na memória. Hoje, a faculdade está cheia de gente que não sabe nada sobre essas pessoas que nós citamos aqui, nem sobre o Chacrinha, para dizer a verdade. Quando alguém chega perto de mim, alguém da nossa época chega e fala: "Alô, Terezinha!", muita gente não sabe nem o que é isso, esse "Alô, Terezinha!". Era um negócio fantástico, é fantástico até hoje. E quem é que vai explicar isso numa faculdade, chegar lá e "Alô, Terezinha!" Falar: "Existia um cara assim, chamado Chacrinha, ele fazia um programa na televisão". Eu acho

importantíssimo. Tomara que dê certo para desenvolver a cultura. Meu filho não sabe nada não, coitado. Ele estuda numa das melhores escolas do Rio de Janeiro, que é a Escola Parque, eu cobro dele... Não sabe. E os colegas dele sabem menos ainda.